DE VOLTA À VIDA

POR ADEMIR PASCALE

"Seria possível alguém retornar do mundo dos mortos?”

De volta à vida

Por Ademir Pascale

Seu grande manto negro esvoaça entre as lápides, apagando algumas velas sobre o túmulo de um recém-chegado. Seus olhos sepulcrais visualizam o vaivém de alguns gatos no cemitério, enquanto que seus dedos esqueléticos tamborilam sobre o cabo de madeira de sua antiga foice.

— Almas do além. Ouçam o que tenho a lhes dizer... — ainda segurando a foice, a Morte abre os seus longos braços, deixando sua sombra percorrer os túmulos que estão à sua frente. — Hoje é uma noite especial. Após anos neste cemitério, darei oportunidade para um de vocês reviver por alguns dias. O escolhido poderá voltar à vida e resolver assuntos que ficaram pendentes entre os vivos.

As almas começam a sair das sombras e, desconfiadas com a oferta, entreolham-se. Algumas estão ali desde 1830. E mesmo após a morte, de uma maneira diferente, permanecem com suas fisionomias e características humanas.

Após o anúncio da Morte, as almas começam a sussurrar, mas em poucos minutos entram em alvoroço discutindo como seria essa tal escolha. Afinal, qual deles irá ressuscitar?

— Silêncio, caros amigos imortais! — a Morte pede silêncio, mas não é ouvida, então pede novamente num tom mais elevado: — SILÊNCIO, ALMAS PENADAS DO ALÉM! — as almas continuam discutindo e não dão ouvidos à Morte que já aparenta irritação, deixando emanar um brilho avermelhado sobre o seu manto esvoaçante, enquanto que as órbitas de suas cavidades ósseas chispam faíscas de fogo.

— SILÊNCIO! — a Morte bate o cabo da sua foice no chão, fazendo estremecer os túmulos do cemitério.

Em seguida, o cabo é batido mais três vezes:

TUM!

TUM!

TUM!

Na terceira batida, como num passe de mágica, a foice transforma-se num portal, abrindo-se um círculo disforme que, através dele é possível visualizar o cotidiano do mundo dos vivos.

Todas as almas ficam em silêncio, sendo que uma delas reconhece os humanos que estão ali, bem à sua frente.

E mesmo sem querer, Alonso, que perambula no cemitério desde a sua morte no ano de 2005, é sugado para dentro do portal.

Algumas almas sentem inveja dele, pois elas ainda continuam apegadas aos sentimentos. Outras, sentem alívio por não retornar ao mundo dos vivos.

— Aproveite o seu retorno, Alonso. E lembre-se: estará novamente entre os vivos por apenas alguns dias — a Morte olha para a Lua Cheia e em seguida o portal é fechado. Agora Alonso está entre os vivos.

***

Alonso sente o aroma de Flor de Lótus do incenso sobre o pequeno altar na sala de estar, abre os olhos e a primeira visão novamente entre os vivos, é a de seu irmão olhando atônito para ele.

Quando faleceu, Mário, seu irmão, tinha apenas 15 anos. Hoje é um homem de 33 anos, maduro e barbado.

Mário esfrega os olhos e não acredita no que vê.

— Sou eu, mano. Retornei. Dá cá um abraço, anda. — Mário, ainda confuso, caminha lentamente até o irmão, mas depois deixa os pensamentos de lado e age apenas com o coração.

— Como isso pode ser possível, Alonso? Estive no seu enterro e, embora não o tenha visto dentro do caixão, porque foi lacrado, chorei muito por você. E sua aparência... você não mudou nada, não envelheceu...

— Essa é uma longa história, mas deixemos isso para lá. O que eu mais quero agora é ver e abraçar todo mundo. Cadê o pessoal?

— O pessoal? Cada um foi para um lado; alguns casaram, outros divorciaram, e tem os que mudaram até de país.

— Nossa! E a Claudinha?

— Depois do seu "suposto" enterro, ela caiu na depressão, passou mais de dois anos trancafiada em casa, mas com o passar do tempo ela começou a ir numas sessões de terapia e conheceu um psiquiatra. Hoje eles estão casados, têm três filhos e um cachorro. Uma família linda.

Alonso olha para um retrato seu ainda na parede e recorda-se dos momentos em que passou com a Claudinha, amiga desde a infância. Eles estavam noivos e faltavam poucos meses para se casarem, quando aconteceu o fatídico acidente que tirou-lhe a vida.

— Você está com fome? — pergunta Mário ao irmão.

— Morrendo — sendo sarcástico — de fome. E sabe o que mais quero comer?

— O quê?

— Pizza. Muita pizza.

— Não sei em qual cidade você estava, mas pelo visto lá não tinha pizza, não é?

— Não mesmo...

Mário pega o celular e nota a estranheza do irmão olhando para o aparelho, mas depois desiste de pedir pizza pelo aplicativo. Pelo tempo que passou distante do irmão, acha melhor sair com ele na rua e caminhar lentamente até a pizzaria.

— Nossa, que roupas antiquadas, Alonso. Quer vestir alguma roupa minha?

Alonso olha para suas roupas, mas sente-se bem com elas e prefere não mudá-las, pelo menos por enquanto. Os irmãos saem de casa e a primeira visão da rua foi de estranheza. Tudo está diferente. Novas casas, novos comércios e automóveis diferentes... Parou no tempo e ficou distante dali apenas por 18 anos, mas sente que está num novo mundo.

— Se eu contar para o pessoal que você voltou, ninguém irá acreditar. Depois irei tirar uma foto com você para postar em nosso grupo do zap.

Alonso não entende o que o irmão diz, afinal, não sabe que raios poderia ser um grupo do zap.

Acostumado com o silêncio do cemitério, o som das buzinas dos carros e toda a movimentação na rua, causam-lhe desconforto.

Na pizzaria, Alonso nota as pessoas sentadas com seus celulares e não entende o motivo delas não desgrudarem o olhar dos seus aparelhos, pois em sua época, o seu celular, além ser um modelo bem diferente, servia apenas para fazer e receber ligações, ouvir músicas e jogar alguns joguinhos. Um casal na mesa ao lado não conversa e nem trocam olhares, ambos estão teclando e olhando fixamente para seus celulares. Alonso sorri ao compará-los com zumbis e sente que o contato humano está diluindo-se com o tempo. E observando bem as pessoas ali presentes, percebe algo sobrenatural que jamais presenciara quando estava entre os humanos, provavelmente porque um simples humano não consegue enxergar além do que vê: uma emanação disforme e colorida em torno dos corpos, ou simplesmente o que podemos chamar de "aura". As cores variam dependendo do estado emocional de cada pessoa.

O garçom entrega o cardápio aos irmãos. E sem muito rodeio, pedem a pizza que mais amam: Margherita.

Alonso, apesar de estar feliz com a presença do irmão, sente-se deslocado naquele ambiente. Durante esse tempo no cemitério, viu coisas que jamais imaginaria ver, além de saber mais do que qualquer um à sua volta: as almas são imortais e estão presentes desde a criação do universo. Tudo faz parte do elemento da criação, que se separado em quatro partes, teremos água, terra, ar e fogo.

Preso no cemitério, ele e tantos outros aguardam pela próxima etapa; passar para um nível diferente. Mas agora, por algum motivo que desconhece, foi ressuscitado pela própria Morte, mesmo que por pouco tempo.

Algo desperta a sua atenção: Claudinha, sua amiga e ex-noiva, entra na pizzaria e está acompanhada do marido. Ela está feliz e sua aura apresenta um tom alaranjado. Mário também nota a sua presença, pensa em chamá-la para contar sobre a novidade, mas percebe o desapontamento de Alonso, que muda o semblante drasticamente.

— Quer ir embora, Alonso?

— Não, não. Viemos aqui para comer pizza e para lembrar dos bons tempos, mas é difícil aceitar algumas coisas... Se eu estivesse continuado viv..., quer dizer, aqui, as coisas hoje seriam bem diferentes.

Alonso sente uma dor imensurável no peito, algo que não recordava como era.

Estar vivo é sentir uma mistura de sentimentos.

Alonso suspira e enquanto o irmão olha o celular, reflete sobre os acontecimentos: ele perdeu a vida cedo demais, mas tudo parece ter a sua hora e o que passou, parece não ter mais retorno. A Claudinha já tinha a sua vida. Seus parentes já estavam acostumados com a sua morte. E estava completamente deslocado e desatualizado.

A pizza finalmente chega. Os dois comem desesperadamente, principalmente Alonso.

— Mano, ainda não consigo acreditar que você está aqui. Isso parece um sonho e tenho medo de acordar a qualquer momento — diz Mário olhando para o irmão.

— Não é um sonho, isso está muito além disso e nem eu mesmo sei o real motivo de estar aqui.

— Não sei em que lugar você esteve, mas foi bom ter retornado. Sabe, quando achei que você tinha morrido, senti um nó na garganta, pois imaginei que nunca mais poderia falar o quanto você era importante em minha vida, pedir desculpas pelas "molecagens", mesmo que de brincadeira, que fiz com você... Agora, depois de lhe dizer isso, sinto-me mais aliviado.

— Apesar da minha mente ainda estar confusa, também sinto-me mais aliviado com o que disse. Vi que a Claudinha está bem e que todos seguiram as suas vidas. Agora percebo que tudo tem o seu tempo e que temos que aproveitar cada dia como se fosse o último junto das pessoas que amamos — Alonso termina de comer o último pedaço da pizza, levanta e vai ao banheiro tomando todas as cautelas para que a Claudinha não lhe veja. Com o banheiro vazio, olha-se no espelho e sente um arrepio ao ver sua aparência humana.

Apesar de tudo, está feliz por saber que todos estão bem e essa felicidade gera-lhe uma lágrima que percorre o seu rosto lentamente e, ao cair sobre a pia, a luz se apaga e todo o murmurar do salão da pizzaria, cessa.

Alonso olha para os lados e sente a temperatura cair drasticamente e percebe no reflexo do espelho que uma luz avermelhada surge atrás dele, deixando o local iluminado.

Dois longos braços esqueléticos se abrem. Em uma de suas mãos está a sua antiga foice. O seu manto parece ter vida própria e percorre cada canto daquele banheiro.

Alonso sabe que essa manifestação tem nome: Morte.

— Estou surpreendido, Alonso, pois você conseguiu superar minhas expectativas. Em apenas um dia, conseguiu o que muitos não conseguiram numa vida.

Alonso fica sem saber sobre o quê a Morte está falando. Então ela continua:

— Trouxe você novamente à vida, pois tinha que saber se estava realmente preparado para o outro nível, além de que tinham restado algumas pendências entre você e seu irmão. A dor que ele sentia em não ter dito o que desejava para você em vida, prendia sua alma neste plano. Mas agora você está livre.

Depois das palavras da Morte, Alonso compreende o real motivo da sua vinda. Está mais leve e feliz, além de que sempre gostou de desafios. Ir para outro nível? Será bem interessante, pois finalmente conseguirá obter conhecimento além de qualquer outro humano ou alma penada que ainda está presa neste mundo.

A Morte bate o cabo da sua foice no chão e um furacão começa a desmaterializar as paredes do banheiro, assim como o chão e tudo ao redor. Alonso fica suspenso no vazio e seu corpo toma outra forma, tornando-se um ser de luz.

Um túnel surge à sua frente e mesmo que involuntariamente, começa a ser sugado em sua direção.

O que Alonso encontrará do outro lado, já será uma outra história.

Em nosso plano espiritual, o tempo congela por alguns minutos. No salão da pizzaria, Mário permanece inerte olhando para o seu último pedaço de pizza, mas depois tudo volta ao normal e, sem lembrar que esteve com Alonso, fica confuso em notar o prato sujo, copo com vinho pela metade e talheres que estão do outro lado da mesa.

***

Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Editor da Revista Conexão Literatura (http://www.revistaconexaoliteratura.com.br) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (http://www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro "Nouvelles du Brésil" (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out - Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Fã de Mauricio de Sousa e Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor dos romances "Jornal em São Camilo da Maré" e "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe". Entre a organização de suas antologias, estão os títulos "O Legado De Edgar Allan Poe", "Histórias Para Ler e Morrer de Medo" e outros.

Escreveu a introdução do livro "Bloody Mary - Lendas Inglesas" (Ed. Dark Books).
Contato: ademirpascale@gmail.com